

NOS PASSOS DE MARIA APARECIDA BARBOSA: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A TERMINOLOGIA NO PERÍODO ATUAL

Alice Maria de Araújo Ferreira
Universidade de Brasília (UnB)
alicemaf@yahoo.com.br

RESUMO: No nosso artigo propomos refletir sobre a terminologia no período atual caracterizado pelo surgimento de um meio técnico-científico informacional (Milton Santos, 1996) e pela especialização que levou à crescente fragmentação do conhecimento. A terminologia teve um papel importante nesse processo, e hoje deve questionar seus métodos e princípios frente à urgência de mais integração entre as ciências. A professora Maria Aparecida Barbosa, nos seus trabalhos, sempre alerta para a necessidade de reflexão epistemológica e teórico-metodológica da Terminologia, assim como sobre a relação entre terminologia e conceptualização com sua respectiva terminologização nos discursos científicos. Propomos, seguindo seus passos, fazer uma reflexão histórica, sem, no entanto, fazer uma história da terminologia, avaliando seu “comportamento metodológico” neste período técnico-científico informacional e questionar sua relação com a epistemologia das ciências.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Especialização. Linguagens especializadas. Sistema.

RÉSUMÉ: Dans notre article nous nous proposons de réfléchir sur la terminologie dans l'actuelle période caractérisée par l'émergence d'un milieu technico-scientifique informationnel (Milton Santos, 1996) et par la spécialisation qui a entraînée la fragmentation des connaissances. La terminologie a eu un rôle important dans ce processus, et aujourd'hui doit revoir ses méthodes et ses principes face à l'urgence d'intégration entre les domaines de savoir. Maria Aparecida Barbosa, dans ses nombreux travaux, a toujours signalé la nécessité d'une réflexion épistémologique et théorico-méthodologique de la terminologie, ainsi que sur la relation entre la terminologie et le processus de conceptualisation avec sa respective

terminologisation dans les discours scientifiques. Nous proposons alors, de faire une réflexion historique, sans toutefois faire l'histoire de la terminologie, afin d'évaluer son « comportement méthodologique » pendant cette période technico-scientifique informationnel et de questionner sa relation avec l'épistémologie des sciences.

MOTS CLÉS: Terminologie. Spécialisation. Langages spécialisés. Système.

*“Y-a-t-il, vraiment un décalage entre un outillage philosophique
vieilli et des contenus scientifiques impossible à saisir si l'on
ne change pas le premier?”*

Michel Serres

Assistimos, no fim do século XIX e início do XX, em praticamente todas as áreas do conhecimento, a uma concentração maior na utilização dos procedimentos de decompor e classificar. Multiplicaram-se os procedimentos analíticos e multiplicaram-se os seus frutos. Essa multiplicação impôs a necessidade de especialização, que logo induziu ao exagero da superespecialização. As ciências da linguagem não escaparam a esse movimento e logo apareceram ramos e ramos da linguística decorrentes dos sucessivos níveis de articulação da língua.

Concentrado na sua estreita área especializada, o *superespecialista* foi perdendo a visão do universo em que vive. Isso o levou, e ainda o leva, à postura de desprezo por tudo que exceda os limites de sua *superciência* autônoma e independente. Com um poder quase ilimitado, o superespecialista acaba por transformar-se num tecnocrata, indiferente a tudo que está fora de suas doutrinas, de seus dogmas, de sua verdade absoluta. Criou-se nesse contexto técnico-científico especializado uma civilização deslumbrada pelo progresso tecnológico, rica em ciência e pobre em sabedoria.

A crise política, econômica, social e cultural do final de século XX nos convidou a refletir sobre a importância da sabedoria e a ameaça que representa para a humanidade a ciência sem intelectuais. Como esclarece Milton Santos, no fim de século aumentou:

exponencialmente a demanda de conhecimentos específicos dirigidos a ações pontuais e utilitárias, enquanto a demanda por reflexão fica em baixa, substituída por um manancial de respostas ideológicas que a grande mídia se incumbem de difundir e fazer acreditar. Em outras palavras, impõe-se a precedência do saber técnico sobre o saber filosófico e a figura do sábio é freqüentemente substituída pela do *expert*. (SANTOS, 1998, p. 54)

Por outro lado, nas universidades lamenta-se a fuga e/ou a marginalização dos intelectuais.¹

Mas se observou – a partir de fatos tais como a explosão da bomba atômica, a crise ambiental, entre outros –, que a ciência passou a dar uma importância nova à idéia de *sistema*, que traz consigo a preocupação em problematizar conceitos tais como: *inter-relações*, *interações*, *reações em cadeia*, etc... A clarificação da idéia de *sistema*² nos conduziu ao reconhecimento do importante papel da *interdisciplinaridade*. É a partir mesmo dessa interdisciplinaridade, desse intercâmbio de conhecimentos, que essa idéia começou a ganhar vida.

¹Segundo Milton Santos, quando é “ao mercado que se atribui a prerrogativa de guiar as escolhas no trabalho científico, o que se obtém é apenas uma verdade parcial e, desse modo, o trabalho intelectual correspondente – na academia ou fora dela – mesquinha os resultados e sufoca a vocação do cientista, tornando-o um trabalhador medíocre com uma tarefa preestabelecida, mesmo que se trate da chamada ciência pura.” (SANTOS, M. *Id. Ibid.*)

²E. MORIN, em *La méthode*, propõe a seguinte definição de sistema: “Sistema é a unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações ou indivíduos.” A “unidade global” corresponde à macro-unidade; ao *todo*. Nessa definição o autor caracteriza essa macrounidade: é global e organizada. Trata-se de um conjunto de inter-relações, conjunto dinâmico e organizado em direção à unidade do todo. Além disso, é identificado o ponto de origem das interações: são elementos, ações ou indivíduos. (Cf. MORIN, E. *La méthode*; Paris: Gallimard, 1977.)

O fato é que as fronteiras entre as ciências vão caindo. Uma das causas dessas mudanças que vêm ocorrendo, podemos dizer, é a própria *ameaça ecológica* – resultado, entre outras coisas, da superespecialização a que nos referimos.

A consciência de que existe uma pluralidade de pontos de vistas, assim como de seres e coisas, e que o “mundo é um só” (SANTOS, 1997, p. 16) tem levado as pesquisas científicas a enfatizar as idéias de multi e interdisciplinaridade.

Como dissemos anteriormente, a fragmentação das ciências em vários domínios e subdomínios, considerada como evidente para alguns, é o resultado de uma diversificação progressiva, devida em particular a uma especialização crescente. A especialização é necessária, mas, como adverte E. Schrödinger,

Não podemos evitar a especialização; é impossível, se queremos que o progresso continue. O erudito de antigamente, que tudo sabia, dominando todos os conhecimentos de sua época, não é concebível em nosso século. Mas deve ficar claro que a especialização constitui um mal necessário, não uma virtude em si mesma. Toda ciência realmente especializada só possui valor em conexão com a generalidade dos outros conhecimentos (SCHRÖDINGER *apud* MALMBERG, 1977).

As ciências não têm fronteiras rígidas, os domínios e subdomínios sobrepõem-se e necessitam-se mutuamente. Esses aspectos, porém, como lembra M. A. Barbosa,

Não invalidam (...) o princípio da especificidade do objeto, do campo, dos métodos, técnicas e procedimentos das ciências e seus ramos. Não anulam, ao contrário, exigem simetricamente que se proponha a relevante questão da identidade científica, da precisa configuração das disciplinas científicas, tantos quantos forem os recortes observacionais e descritivos de um

aparentemente mesmo objeto de estudo (BARBOSA, 1990, p. 153).

Para sustentar essa dialética entre o específico e o geral, a pesquisa científica exige uma coerência interna e externa. A coerência interna é obtida através da separação de categorias analíticas que, por um lado, dão conta do respectivo *objeto-real*, próprio de tal fração do saber e, por outro lado, permitem a produção de instrumentos de análise, retirados do processo histórico. Externamente, tal coerência pode ser apurada “em relação a outros saberes, mediante a possibilidade do campo respectivo mostrar-se distinto e ser, ao mesmo tempo, completado e complemento, no processo comum de conhecimento do real total” (SANTOS, 1996, p. 18).

Esses dois princípios, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, são indissociáveis um do outro, caso contrário chegar-se-ia a uma *nova torre de babel*, sobretudo se se colocasse a interdisciplinaridade como único pilar da sabedoria. No outro extremo, a consideração exclusiva da multidisciplinaridade conduziria a uma *esquizofrenia científica* em que não existiria coerência externa, garantida pelas relações de interação e integração entre as diferentes disciplinas.

Entretanto, o que se observa, como estamos assinalando, é justamente uma supervalorização do processo de especialização. Esse fato tem nos tornado incapazes de qualquer poder de síntese nesse mundo de conhecimentos fragmentados. Talvez por isso deu-se uma importância maior às disciplinas responsáveis pela *síntese* e pela *visão global*.

A constatação de que o método científico, de decomposição analítica e de reconstrução sintética, mostrou-se de difícil utilização, à medida em que surgiu o interesse por *sistemas complexos*, levou à necessidade de reexaminar as modalidades e as condições de validade desse método. Além disso, o esboroamento do saber, produto do aprofundamento dos conhecimentos anteriores e da consequente multiplicação das disciplinas, trouxe, como reação, um interesse maior pela teoria dos sistemas.

Como vemos, este último fator é de natureza intelectual, já o primeiro, de caráter prático – no sentido de estar ligado diretamente ao problema da integração, ou seja, da reconstituição de um todo a partir de seus elementos constitutivos, da inserção de um objeto complexo em seu meio.

Ambos giram em torno da problemática da unificação dos saberes científicos, noutras palavras, da *interdisciplinaridade*. Ora, a idéia de interdisciplinaridade implicou uma compreensão de como se faz a integração das partes abstratas e materiais num sistema. Para tanto foi preciso ter à nossa disposição uma *linguagem teórica unificada* ou pelo menos adaptada à expressão coerente das propriedades diferentes das diversas partes a serem consideradas: “A unificação de saberes parciais implica, com efeito, uma condição *sine qua non*: a existência de uma linguagem comum em que estes diversos saberes se possam exprimir” (DELATTRE, 1981, p. 10).

As pesquisas, cada vez mais especializadas, provocadas pela atomização dos domínios de investigação, levaram à segregação dos saberes correspondentes. As novas subdisciplinas afastaram-se progressivamente das grandes disciplinas antigas que asseguravam uma certa unidade conceitual e metodológica, e elaboraram, cada uma para si, novos conceitos e novos métodos de descrição e de análise e, conseqüentemente, de *interpretação*.

Após essa fase de desconstrução das antigas disciplinas, tornou-se indispensável hoje proceder a uma síntese dos conhecimentos segundo um princípio que diz respeito aos grandes tipos de metodologia e de formalização a que recorreremos em nossas abordagens cognitivas. Noutros termos, tratou-se de recuperar o que subjaz às particularidades dos diversos domínios, os aspectos comuns ao nível dos conceitos fundamentais e dos seus modos de junção na expressão, na formalização dos conhecimentos. A interdisciplinaridade, ao acentuar as questões fundamentais sobre a própria natureza da abordagem científica e ao fornecer instrumentos destinados a favorecer os intercâmbios entre disciplinas, acabou por exercer um papel importante para a melhoria desta situação.

Há que se ressaltar o papel da terminologia – agora no âmbito mais amplo das ciências da linguagem –, nessa tarefa de unificação dos saberes científicos pela denominação e formalização de novos conceitos, como também para a comunicação e trocas de conhecimentos entre disciplinas. Ou seja, ressaltar o lugar central que um estudo da linguagem científica tem no próprio seio das ciências e, assim, mostrar a importância dos fenômenos de denominação na atividade de conceitualização e de transformação do mundo.

A terminologia sustenta o *princípio da unicidade da ciência*. Ela assegura a natureza isomórfica das ciências, aponta para a mesma estrutura que subjaz a todas elas, embora cada uma delas se projete em substâncias diferentes. Desse modo, a terminologia assegura o *princípio de isomorfismo* existente entre as ciências. De fato, todas são isomorfas (a unicidade estrutural entre as ciências); pois todas “formam” seu universo conceitual e terminológico (HJEMSLEV, 1966, p. 44). Mas cada qual o “forma” a seu modo – variabilidade esta decorrente das especificidades dos objetos de estudo de cada ciência. Assim, concordamos com Malmberg quando diz que

a ciência é una, e suas questões básicas são idênticas, uma vez postas de lado as diferenças superficiais. É precisamente neste ponto da discussão acerca da ‘ciência’ e das ‘ciências’ que se deve colocar a língua, dada sua posição central no seio do pensamento e da atividade humana (MALMBERG, 1977, s/p).

Com efeito, toda ciência tem o seu sistema conceitual, e em todas elas desenvolve-se o processo de terminologização “la mise en terme” (BARBOSA, 1999, p. 29-51). Isto as unifica. O que varia é, como diz Maria Aparecida Barbosa, o stimulus para a geração dos conceptus e respectivos termos; a importância dada a alguns conceitos; a preferência por tal ou tal processo de criação de termos; e o grau de motivação entre os estímulos e os termos. Neste ponto, entendemos que a terminologia acaba por aproximar-se da semiótica e da própria epistemologia das ciências. Assim, nunca é demais

lembrar as palavras de Benveniste sobre a relação entre a constituição de uma terminologia e a ciência:

La constitution d'une terminologie propre marque dans toute science l'avènement ou le développement d'une conceptualisation nouvelle, et par là elle signale un moment décisif de son histoire. On pourrait même dire que l'histoire propre d'une science se résume en celle de ses termes propres. Une science ne commence d'exister ou ne peut s'imposer que dans la mesure où elle fait exister et où elle impose ses concepts dans leur dénomination. Elle n'a pas d'autre moyen d'établir sa légitimité que de spécifier en le dénommant son objet, celui-ci pouvant être un ordre de phénomènes, un domaine nouveau ou un mode nouveau de relation entre certaines données. L'outillage mental consiste d'abord en un inventaire de termes qui recensent, configurent ou analysent la réalité. Dénommer, c'est-à-dire créer un concept, est l'opération en même temps première et dernière d'une science (BENVENISTE, 1974, p. 247).

[A constituição de uma terminologia própria marca para toda ciência o advento ou o desenvolvimento de uma conceptualização nova, e assim, assinala um momento decisivo de sua história. Poderíamos até dizer que a história própria de uma ciência se resume na dos seus termos. Uma ciência só começa a existir ou só pode se impor, na medida em que ela faz existir e em que impõe seus conceitos nas suas denominações. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade a não ser especificar denominando seu objeto, este podendo ser uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um novo modo de relação entre certos dados. A ferramenta mental consiste, antes, em um inventário de termos que levantam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, quer dizer, criar um conceito, é a operação, ao mesmo tempo primeira e última de uma ciência.] (tradução nossa)

Entendemos que a evolução dos conhecimentos é operada a partir da alternância entre a *análise* e a *síntese*. Com efeito, qualquer linguagem científica depende dos conhecimentos adquiridos e das questões que quer transmitir para a constituição de seus conceitos e possíveis denominações. Assim, faz-se necessário tentar precisar as bases comuns e as diferenças das diversas linguagens especializadas, procurando enriquecer umas através das outras. As linguagens estabelecidas e aplicáveis a domínios mais ou menos extensos do conhecimento, aparecem reunidas numa metalinguagem única, apropriada a todas as questões e descrições.

Ora, temos então que essa linguagem seria ou suficientemente simples para ser utilizável na prática e sua pobreza seria tal que os enunciados que produziria seriam triviais ou ambíguos; ou, então, seria suficientemente precisa e diferenciada para permitir a expressão de todas as distinções úteis e desse modo sua complexidade a tornaria inutilizável. “Entre a linguagem corrente e a matematização completa do discurso podem existir graus de formalização muito diversos, consoante os papéis respectivos que a sintaxe e a semântica exercerem” (DELATTRE, 1981, p. 24).

No nível semântico, o *conceito* corresponde ao substantivo comum que se dá a certo número de objetos que tomemos por equivalentes. Em ciência, esta *relação conceito/denominação* só pode ser funcional, isto é, relativa às propriedades que cada um dos objetos pode manifestar no contexto, no meio em que está colocado. Por isso, uma das questões mais importantes pode ser assim formulada: Como é que se modifica o conteúdo de um conceito quando os objetos que denominam mudam de meio e podem, portanto, mudar suas características funcionais?

Além disso, se admitimos que as fronteiras entre as ciências têm tendência a desaparecer, ou pelo menos, a serem cada vez mais fluidas, há de se questionar o princípio metodológico nas terminologias de pesquisar as fontes especializadas de um domínio. Tal princípio se apoia na idéia de que os domínios são realidades estáveis e delimitadas. Essa prática nega, como diz Gaudin (1993, p. 82), o

movimento dos conhecimentos, e por consequência, o caráter renegociável das noções. A própria *noção de domínio* está aqui posta em questão. Não é por ser uma “*sphère spécialisée de l’expérience humaine*” [esfera especializada da experiência humana], que ela não deixa de ser uma construção de uma *visão de mundo*. Dessa maneira, preferimos a definição de Rastier: “un domaine est une classe sémantique liée à un type de pratique sociale” (RASTIER, 1989, p. 9) [uma domínio é uma classe semântica ligada a um tipo de prática social], para quem existem, continua ele, “des interférences mesogénériques qui indexent les sémèmes et sémies appartenant à un même domaine sémantique.” [interferências mesogenéricas que indexam os sememas e as semias que pertencem a um mesmo domínio].

A produção terminológica está ligada à *inovação*. Esta nasce de redes transversais que existem entre as disciplinas. A circulação, o intercâmbio e a contaminação de conceitos entre as disciplinas são primordiais para a inovação. Para isso, em vez de se fechar num domínio com código fechado, é preciso construir como diz Brey “un code commun de connivence pour inover” (BREY, 1984, p. 75) [um código comum de convivência para inovar]. Assim, ao invés da idéia de dependência a um domínio, preferimos, de acordo com Gaudin, a idéia de “*fonctionnement dans le cadre d’une activité*” [funcionamento no âmbito de uma atividade].

Um conceito com uma única denominação não deve ser considerado como unívoco quando pode recobrir realidades funcionais diferentes. O fato de serem construídas e usadas linguagens técnico-científicas mais formalizadas que a língua comum, num sentido mais amplo, tem por causa a necessidade de se reduzir ao máximo a *imprecisão*. Dar univocidade ao caráter dos enunciados, sem, no entanto, modificar o princípio fundamental da *descrição*, que é sobrepor dois sistemas: o *sistema conceitual* – o significado e o conceito – e o *sistema linguístico* – o significante e a denominação.

Desse modo, pensamos que a *terminologia* não é apenas a ciência que tem como objeto os termos de um domínio, mas é também, e sobretudo, quando ela trata de um *discurso científico*, a

ciência que tem como objeto a análise, a observação e a descrição dos mecanismos básicos dos procedimentos epistemológicos, metodológicos e linguísticos das ciências.

A terminologia surgiu num período onde a necessidade de decomposição analítica levou à fragmentação das ciências e das técnicas, que logo induziu à especialização e às linguagens especializadas. Como vimos, vivemos no mundo da *superespecialização*.

Frente a este estado de coisas, é preciso inserir a terminologia e seu objeto no *período histórico atual*, para que com isso, possamos avaliar sua coerência, sua pertinência, e sua operacionalidade enquanto ciência.

Nesse novo período histórico, caracterizado pelo alto conteúdo em ciência e técnica, e ao mesmo tempo pela escassez de síntese no conjunto dos conhecimentos, a necessidade da *interdisciplinaridade* tornou-se uma prioridade e uma dificuldade. A terminologia ocupa nesse processo um lugar privilegiado. Foi justamente a partir desse período, caracterizado por um lado pela especialização e, por outro, pela sempre crescente integração do mundo, que assistimos à sua gênese e definição.

A terminologia também nasceu da necessidade de clarificação e/ou constituição de linguagens especializadas correspondendo às diferentes especialidades nos domínios das ciências e das tecnologias.

Ela teve como objetivo, enquanto teoria e prática, a melhoria da *comunicação técnico-científica* (nacional e internacional), entre especialistas de uma mesma fração de conhecimento. Assim, ampliou-se consideravelmente a redação e edição de vocabulários, dicionários, glossários, terminologias de áreas, subáreas, domínios, subdomínios, campos, etc.

Frente a esse *discurso-texto especializado*, a terminologia definiu seu objeto, seu campo de atuação e seu método. Definiu, enfim, uma metalinguagem própria capaz de abarcar essa realidade especializada.

Assim, a terminologia, enquanto ciência e prática, está a serviço das diferentes frações de conhecimento. Ela tem um papel de clarificar conceitos, além de possibilitar e facilitar a comunicação

entre especialistas de disciplinas científicas e técnicas diferentes. Nesse objetivo, ela é caracterizada essencialmente pelo seu *caráter sociopragmático* – fruto de um fator extralinguístico. O fato de ela ser uma prática social mais que uma ciência a deixa, por assim dizer, à mercê do fator extralinguístico, já que a estruturação de uma terminologia depende diretamente da estruturação da atividade que se pretende descrever.

Querer fazer da terminologia uma norma prescritiva, não é pôr a terminologia a serviço das áreas de conhecimento. Os que viram nela um ideal normalizador com a monossemia do termo, esqueceram-se de que mesmo tratando-se da relação de denominação entre o termo e o conceito, o *sentido* está sempre sendo renegociado, o que permite o questionamento e a evolução da ciência e/ou da técnica.

Além do mais, é importante ressaltar que hoje, com o fato da *superespecialização* nesse *meio técnico-científico informacional* – a terminologia corre o risco de tornar-se uma prática a serviço de instituições e organizações, em detrimento do seu próprio saber e de suas potencialidades. Seu objetivo atual legitima sua função essencialmente prescritiva, no sentido de que se propõe apenas dar prioridade ao uso dos termos considerados recomendáveis e/ou normalizados. No entanto, essa normalização acaba por empobrecer a própria investigação científica reduzindo o mundo das possibilidades a um conjunto de normas – o que gera um descompasso entre os modelos de uma ciência e a evolução de seu objeto. Ora, a dinâmica de certo objeto de estudo conduz, se assim podemos dizer, a dinâmica da ciência que o descreve, e esta deve estar constantemente em busca de novas categorias e de novos conceitos que deem conta das novas e/ou diferentes realidades, também dinâmicas.

A prática sem a reflexão teórica e epistemológica torna-se rapidamente, especialmente nos dias de hoje, uma técnica sistematizadora que não considera nem o objeto concreto, nem o período histórico no qual se dá a ação. Dessa forma, a terminologia deixa de ser ciência e acaba por tornar-se um mero *manual de terminologia*.

Nesse contexto de reflexão sobre a terminologia, há de se ressaltar os trabalhos da Professora Maria Aparecida Barbosa que nunca deixou de questionar os princípios e métodos fundadores da terminologia, escrevendo artigos e desenvolvendo trabalhos que a fizeram apontar sempre para um questionamento incessante no seio da metaterminologia e metalexigrafia.

A fragmentação das ciências em vários domínios e subdomínios foi o resultado de uma diversificação progressiva, devido em particular a essa especialização crescente. Não existem fronteiras rígidas entre cada especialidade. Como também não existe na *realidade dinâmico-total*. As diferentes áreas do conhecimento sobrepõem-se e necessitam-se mutuamente. A *pesquisa científica* exige, nas palavras de Milton Santos, uma *coerência interna e externa* (SANTOS, 1996, p. 18).

O princípio da *multidisciplinaridade* corresponde, de alguma maneira, a essa coerência interna a que Milton Santos faz referência, e também à pertinência de cada especialidade. A *interdisciplinaridade* depende da coerência externa e da relação, por assim dizer, de complementaridade entre as diferentes frações do conhecimento³.

Frente a tudo isso, a necessidade de comunicação entre as diferentes disciplinas ou entre os diferentes especialistas, no sentido de troca de conhecimentos, torna-se cada vez mais urgente. A *terminologia*, repetimos, tem um papel importante nesse novo processo. Mas é preciso defini-la à luz dessa atualidade, e assim, situar melhor seu objetivo, sua função, sua metalinguagem, seus métodos, enfim, seu papel como ciência que estuda qualquer ciência.

Entendemos que existe uma dimensão que permite a simultaneidade desses dois princípios da inter e da multidisciplinaridade.

³A interdisciplinaridade é cada vez mais apontada como necessária às investigações técnico-científicas preocupadas com um resultado sintético. No entanto, estamos vivendo um período em que o processo de especialização nos deixou, por assim dizer, incapazes de qualquer poder de síntese desses conhecimentos fragmentados. Assim, a re-construção, dependendo, pode virar um *monstro*.

Entendemos que, na *linguagem especializada*, a manifestação dessa dimensão permite a integração das diferentes frações do conhecimento, fazendo-se uma linguagem, ao mesmo tempo, mais abrangente e comum ao universo de discurso. Essa dimensão se manifestaria num conhecimento semântico comum, debatido em cada fração e com cada fração. Essa linguagem é encontrada, no caso do discurso científico, na epistemologia das ciências ou filosofia das ciências.

É a partir dessa dimensão que podemos dar existência a um terceiro princípio: o da *transdisciplinaridade*. Assim, da mesma maneira que Thoiron, Arnaud, Bejoint e Boisson definem a noção de “arqui-conceitos transculturais e translingüísticos” (THOIRON, 1998, p. 512-523), podemos dizer que existem *arqui-conceitos transdisciplinares* que correspondem, para os discursos científicos, a categorias analíticas e sintéticas epistemológicas. Aliás, esses autores já diziam :

Si nous pouvions isoler ici un archi concept transculturel et translinguistique, c'est bien parce que nous ne nous interessons qu'à la terminologie, où seules sont prises en compte les dénominations d'objets de la technique et entités des sciences (THOIRON, 1998, p. 516)

[Se podemos isolar aqui um arquiconceito transcultural e translingüístico, é porque nos interessamos apenas à terminologia, em que somente são consideradas as denominações de objetos da técnica e entidades das ciências].

Além disso, a intertextualidade decorrente das diferentes camadas sedimentadas no processo histórico dos conceitos e o aspecto genérico desses arquiconceitos na definição das noções específicas de um universo de discurso já apontam para uma *dimensão transdisciplinar dos conceitos*. A linguagem, mesmo que especializada, fundamenta-se na língua – um sistema muito mais amplo, sobre o qual as noções vão sendo sempre redefinidas.

Cabe lembrar que o nosso intuito, antes de mais nada, traduz-se simplesmente em dar corpo a uma reflexão que possa encontrar alternativas diferenciadas de tratamento à terminologia, buscando, no mínimo, apontar para maneiras mais adequadas de manipulá-la, aproximando-a o mais possível – de forma pertinente e/ou coerente –, a essa nova necessidade do período atual. Mas cabe então perguntar: Como o terminólogo deve se comportar frente a uma linguagem simultaneamente especializada e geral?

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A: Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, método, campo de atuação. In: I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA, *Anais*, Brasília: IBICT, 1990.
- BARBOSA, M. A. Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: Relações. *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 10, nº1, p. 29-51, 1999.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale 2*. Paris : Gallimard, 1974.
- BREY, C. Les travaux pratique de reformulation. In : PEYTARD et alii. Français technique et scientifique : reformulation et enseignement. *Langue Française*, nº64, Paris: Larousse, 1984.
- DELATTRE, P. *Teoria dos sistemas e epistemologia*. Lisboa: A regra do jogo Edições, 1981.
- GAUDIN, F. *Socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen : Publications de Université de Rouen, nº182, 1993.
- HJEMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1966.
- MALMBERG, B. *Signes et symboles. Les bases du langage humain*. Paris : Picard, 1977.
- MORIN, E. *La méthode*. Paris : Gallimard, 1977.

- RASTIER, F. Mot, phrase, texte : pour une sémantique unifiée. In : *Semantica, les modèles sémantiques pour le traitement automatique du langage*. Paris: Éd.GSIerli/EC2, 1989.
- SANTOS, M. O intelectual independente e a universidade. *Revista USP*, São Paulo: CCS-USP n°. 39, set/nov, p. 54, 1998.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCHRÖDINGER, E. Science and Humanism. In: MALMBERG, B. *Signes et symboles. Les bases du langage humain*. Paris: Picard, 1977.
- THOIRON, P. et alli. Notion d' "Archi-concept" et dénomination. In : *Meta*, Lyon, vol. 41, n°. 04, p. 512-523, 1998. (No. spécial : La Dénomination)